



LIVRO DE PRECEITOS

PAULO ROBERTO DO CARMO

Nejarim
Editora
Paol da Aurora

Para
Paulo Roberto e Moses

1

Deixa voar o coração
todo em armas
os medos idos no poente.
Põe ferrolhos na memória
e voa mais leve que a dor
voa até onde se pode chegar,
e pensa que nada dura
nada é por acaso.
Tudo se aclara nos extremos da dor.

2

De que adianta pôr ordem à Vida,
se fomos feito para transgredi-la?

3

Alegra-te
com a vida não passada em vão.
Apalpa tuas cicatrizes.

4

As bocas da eternidade
se nutrem de coisas efêmeras.

5

Se a consciência é insubornável,
porque vendemos a alma às vaidades,
sob o manto da eternidade?

6

Outra hora que tomba
outra culpa que geme
outra sombra que foge
e o sonho agoniza:
tudo está em tudo,
só tu te expulsas.

7

Povoa-te de coisas efêmeras,
se não és capaz de eternizar-te.

8

Tudo o que se espedaça
sob a árvore tombada
dos últimos desejos
reata-se nas origens,
a inconclusa infância,
alada nas raízes.

9

Os extravios, as miragens
os dias apodrecem
no cansaço de tudo:
só a solidão concede.

10

Enleia-te
na humildade das coisas,
como limo se enxerta nas pedras

11

Não haverá nada além
de nossas pequenas corrupções
nada que não se assombre,
nada que não nos envergonhe?

12

Não queiras,
sempre que amanhece
até sumir-se o sol,
arrancar o melhor de ti
do suor dos outros.

13

Não contes a riqueza pelo ouro,
mas pelos sonhos
desenterrados nas manhãs da infância.

14

Antes que nos cavem a sepultura,
desenterremos a ressurreição.

15

Quem não constrói a si mesmo,
trabalha contra o tempo,
para a morte em que se vive.

16

Não há fortuna maior
que a solidão.

Ali sonha a serpente,
traspassada de sol.

17

Arranca de ti, erva daninha,
os selos do irreconciliável.

18

De questionar a dor
escutei seus queixumes,
pois sou causa dela.

19

Que deuses
te mandaram enterrar
como um cão cego e açoitado
na vala comum do tédio?

20

O tambor
que ouves lá dentro do sonho
é a infância que não se acaba em ti.

21

Quando tudo se torna insuportável,
só a desobediência liberta.

22

Saqueia os vinhedos da alma,
e embriaga-te!

23

Antes que apodreça,
questiona o morto dentro de ti
pelos poderes que recebeu
e não gozou.

24

De suas mais íntimas carências,
as palavras olham para tudo e todos
com olhos de corromper.

25

A alma das coisas
há-de entrar-te pelos poros,
correr nas veias,
alar-se mais alto.
construir casa e fortuna.

26

O que supura da paixão humana
move o coração,
torna-se palpável,
nos expulsa de casa.

27

Caído em tentação,
chamarás a dor pelo nome,
conhecerás a fome
pelo faro dos cães.

28

O tempo conspira
contra os que testemunham calados
e não revidam.

29

Carregas a semente da morte
e não temes dar mais um passo
entre tantas sepulturas abertas.

30

Se toda uma vida te foi dada,
e ainda tardas em vivê-la,
por que agora matar-se
em duelo contra ti mesmo?
Essa obsessão de cavar
o que há dentro das palavras
é para exumar-te de tuas incontáveis mortes.

32

Toda a pureza em dor,
a graça que se alastra das almas,
não é ainda possível aos homens,
porque se vaza na culpa.

33

Não as enterres,
nem insultes as paixões.
Senão elas, os motores da alma
quem há-de carregar as horas?

34

Pratica a justiça,
mesmo contra ti:
que os bens de fortuna
sejam acumulados e perdidos
e reavidos no gozo de todos.

35

Expulsa as palavras carpideiras,
as que vivem de prebendas.
Nos ritmos secretos o sopro
dos gestos há de mover-nos.

36

Desfaz os caminhos andados,
não trilhes caminhos futuros.
O presente é de carne e osso
Leva a carga de esperança,
frui a hora que passa.
E vai, com tua alma.

37

Para onde pendem as paixões,
o que pedem, de quem se vingam?
Nem saciadas elas se acalmam.

38

Desconfia
dos que administram os teus sonhos
na tempestade – para que não sofras.

39

Para ires ao teu encontro
toma um pouco de sol,
respira um pouco de ar
e ama um pouco a vida,
antes que apodreça.

40

Tua alma,
sem o lastro a sustentar a aurora,
navegará sem leme nem rumo
para o fim de tudo.

41

Se não te deixas domar,
é para que não te montem.

42

Ainda que fujas de tudo,
pelo sonho, pela palavra,
ou mesmo te escondas
na memória do sangue,
e roles nos escombros,
hás sempre de voltar para ti,
ao teu nada.

43

Aguilhoado
por essa dor insepulta, esse crispar-se,
é que aprendes a transpor os limites.

44

Se Deus
te concedeu mais do que merecias,
por que te deserdaste?
Empina os sonhos
até onde te pode levar
a sorte dos ventos,
e deixa-te voar.

46

Comove-te
como quem sai convalescente
de uma longa dor –
enquanto o teu verdugo ainda dorme.

47

Não prediques
com os ditadores, os profetas
e os salvadores –
mas como os humilhados.

48

Contra razões
não arrazoes:
insulta e apedreja.

49

Movido por barbantes
saltas e danças,
mas permaneces sempre escravo.

50

A alma espera
no interior das palavras,
e se emprenha,

51

Estala sob a tua loucura,
desperta.
Aguça-te no limo das conchas,
no bafio azul das anêmonas.

52

Enterra os dentes
na jugular das paixões.

53

Almejante,
tira alma dos teus vexames,
tira mel dos teus enxames
e vai, com o sonho na coleira
para além da vida vã.

54

Nunca
se deve perder a palavra:
sem ela perdemos, como os defuntos,
o centro de gravidade,
pássaros que voam juntos.

55

Que importa aonde aportar,
se hás de perecer
na primeira tempestade?
navegante, navega
por navegar.

56

O mal se legitima
na palavra da Lei
quando os que padecem
não se revoltam.

57

Que importa contar os anos
como arvores abatidas,
se não comemos antes os frutos?

58

Não tenhas medo
de acolher a dor nos braços.
Ele é a mola que falta
para arrojar-te.

59

Não abandones
os que se perdem de ti.
Com pouco poderás reavê-los.
Basta uma palavra,
como se afaga um pássaro.

60

Enternece o teu cadáver,
os medos sorvidos,
a alma hirta,
teus anjos proscritos.

61

Sê afeito à tua palavra.
Sem ela o sonho não se alteia.
De sua argila iniciaremos.

62

Já não podes dissimular
a expressão animal dessa loucura
que salta pelas pupilas.
Em vão hás-de enterrá-la na aurora.

63

Não cales a dor,
sê justo com ela,
A dor aponta caminhos.

64

Nas soleiras do tempo
os desejos não sabem esperar,
escancaram a porta – e se vingam.

65

É assim tão pesado o mundo
que te ruborizas, de alma abaixada,
como a pedir perdão?

66

Não arrebatat a hora nas fontes,
beber de suas águas
até estancar a sede,
é ensaiar para a morte.

67

Embriaga-te de pressentimentos:
maduro está o coração
para recomençar mais perto de ti.

68

Agora tens um réu
à medida de teu medo,
disfarça esse sorriso
para a hora das perversidades.

69

Os deuses amam
os que são feitos de barro
que não se deixa amassar.

70

Se enfiarés o desejo
pelo olho de uma agulha,
as palavras não se desgarrarão:
hoje mesmo serás iniciado.

71

Se a dor move,
por que tomamos sempre o caminho errado,
sem saber onde ancorar as feridas
para pensá-las?

72

No interior das limitações
o quase irreprimível
conspira, quebra paredes
no tentar do vôo.

73

De que nos vale dar a volta ao mundo,
se não aprendemos a ver
nossa aldeia com mil olhos?

74

Tu que andas disperso,
adensa-te.

Não há mais onde fugir,
perder-se uns aos outros.

75

Nem sequer te lembras
que a vida sonha nas palavras,
e tudo acaba em nada?

76

O mundo
é para dentro de quem o tem,
onde os sonhos são mais selvagens.

77

Nele só tu podes entrar com as ventanias,
ser de sombras, monge sem rosto,
esperança sem nome, paixão sem voz.

78

A dor que não se comunica
não amadura nunca.

Fenece e morre
com um soluço.

79

Desnuda-te das palavras
e lava tuas feridas, de alma nua,
num regato de águas futuras.

80

O que importam os dias
feitos e desfeitos de lamentos?

Outro prazer não tenhas
senão perder-te
nos moinhos da infância.

81

Não fale de paz com ferocidade.

82

Não fales de liberdade
com cajados na voz.

83

Enquanto pairam sobre ti
a morte e a dor
como águas suspensas,
navega para dentro,
contra a tempestade.

84

Entre a punhalada e o beijo
há só uma questão de ritmo,
como na música.

85

Vendemos por migalha
o tempo de que somos feitos,
e compramos sonhos alheios.

86

As revoluções
perecem de egoísmo,
se não lhes damos uma alma
cheia de deuses.

87

Da necessidade dos outros
aprendo suas fomes,
e me envergonho.

88

Excrementa sobre as horas,
depois de possuí-las.

89

Os manejos do Acaso:
eis toda a arte de que precisas
para vergar a dor.

90

Por que vagas entre os indiferentes,
os que não se exultam
nem pedem contas de tua inquietação?

91

Provido de lenha e de estrelas,
espera o inverno na aldeia
enquanto ladram os ventos.

92

Se te elejo meu inimigo,
é para que me contradigas
nas horas de tédio.

93

Porque não escondes os instintos,
lançarão pedras sobre ti.

94

Com um punhado de dor
colhe o alento,
engole a chama,
antes que tudo se acabe.

95

O que te consome
são essas pequenas mortes,
as horas ocas, os clarins de retirada,
o Destino que se lança aos porcos.

96

Ampara-te, antes de cair.
Tira proveito desses tropeços.

97

Tudo o que podes saber,
sentir ou fazer
sem entregar a vida
já nasce contigo.
Só é preciso organizar o caos.

98

Estás vivo com teu mistério,
e às vezes apalpas com certo orgulho
o seu centro magnético.

99

Não há prudência
que não se perturbe
quando soam os guizos
da cascavel.

100

Reconcilia-te
como o que não queres perder.

101

Aprende a perder, e com persistência
despoja-te de tudo.

102

Se o amor
é uma febre do orgulho,
humilda-te para esquecer.

103

Dos punhos erguidos
da palavra sobre o futuro
se enraíza a resistência.

104

Poderás compensar
a indiferença do mundo
se aprenderes
a amar
o que te sobrevive.

105

Meu Deus,
a justiça é só uma palavra
que se há-de escrever
até o final dos tempos,
como um exercício de caligrafia?

106

Serás julgado pelas horas
que esperaram impacientes por ti,
e não foram gozadas.

107

Tua obsessiva solidão
há-de tocar as margens
do irrealizado, e iluminar-se.

108

Não culpes
as estrelas por tuas misérias,
nem tires fortuna dos planetas.

109

Tudo está escrito na vontade,
e por ela se exprime,
inflamando os sentidos.

110

Se pensas que os deuses
estão muito longe de ti,
é que não sabes medir
os teus semelhantes,
neles tocar, e abrasar-te.

111

Não te juntes aos outros
por medo,
nem te apartes por tédio.

112

Também serás julgado
pelos crimes não pressentidos,
as mãos que não sujaste
nas rodas da omissão,
pelos crimes de não sonhar
sob a poeira das estrelas.

113

Condena-te
sempre a voar mais alto,
mesmo com uma asa partida.

114

É o desprezo, esse lado escuro,
que te move para os mesmo becos,
o mesmo desespero.

115

Como podes limpar impunemente
o sangue deste punhal,
se ainda enganas a fome
com a indiferença?

116

Se adormeceres com os relâmpagos,
mais luminoso acordará o teu espírito.

117

Se a paixão
que te move
tudo concedesse,
perderias a confiança nela
e por tédio, mudarias de alma.

118

Dá o passo largo,
pisa forte.
Voa e canta.

119

Colhe os frutos maduros,
mesmo que ninguém te convide.

120

Diante do medo,
pássaro calado,
o que podes aprender,
senão outros medos?

121

De naufrágio em naufrágio,
mantém a quilha da resistência
no centro de gravidade.

122

Anda com os prumos na mão,
o peito solar, atira pedras
à esperança no sumidouro das horas.

123

O que não colheres com suor,
não te pertence.

124

Com o poema
administra as pequenas corrupções,
os excessos, as carências,
tudo o que é torpe.

125

Não há arte inocente,
ou liberdade sem crime
nem religião sem culpa.

126

Se queres selar com sangue
a palavra,
não cedas demais,
rompe as amarras
e vai, com teus punhos.

127

As antigas horas altivas
se acovardaram:
só queres estar ausente
e oblíquo nas sombras.

128

Ao transpor os limites
do que é humano
ninguém te acudirá
se quebrares a alma.

129

A inocência ensina as artes
mais pervertidas da sedução.

130

A dor não é maior que o homem,
e a provação sua fala
na hierarquia mais alta dos deuses.

131

De que vale a culpa ainda viva
se todos os crimes
se esvanecem no esquecimento?

132

Não tires tua força
dos pascentes de espírito,
nem dos aguilhoados,
bois na arena dos matadouros.

133

Não os afrontes,
não perguntes quem eu sou
diante dos humilhados.

134

A solidão de que és feito
não há de suportar em vão
a dor dos outros.

135

Pertencer-te
será tua própria recompensa,
e de ti uma seta de luz se desprende.

136

Quem há de indenizar os sentimentos,
se nem ao menos nos damos ouvidos?

137

Se não podes ressuscitar os mortos,
ressuscita a ti próprio.

138

Se tens a Vida na palma das mãos,
não a deixes apartar-se.

139

Quem te ensinou o caminho das almas,
o amparo de suas pousadas,
as paragens?

140

Agora sabes,
como os revolucionários e os loucos,
que estar vivo é desumilhar-se.

141

Se os ossos calam,
encarna o verbo e fala,
canta no sangue
por todos os poros da alma.

142

Não haverá outro Destino
senão cavar e cavar
nas areias movediças
da Esperança?

143

Só o que podes concentrar
há de irradiar-se
saindo da terra
nas forjas da eternidade.

144

De agora em diante
tangerás a dor
como o animal ferido,
a ocultar dos abutres
as futuras carniças.

145

Depois de rastejar
ergue o vôo, e voa alto,
o mais alto que podes voar
até que asas nasçam de ti.

146

Não podes ver nas cumeadas,
não há lume em teu coração,
nem ouvir as trombetas.

147

Te queres sombra, viela, escombro,
a contar em grãos os dias que te restam;
a conter esse vômito insopitável
nos desvãos da alma.

148

Todas as coisas
esperam
ser persuadidas.

149

Não te apartes. Não esperes,
engastado no carvão do tempo
a contemplar o curso das estrelas.

150

Ninguém fala por ti.
Só a tua palavra é resistência.

151

O que te inquieta
é essa mania de andar sobre as águas.
O excesso de confiança.

152

Somos feitos
para nos devorarmos depois da sedução,
não para nos amarmos.

153

Se não enterraes os teus mortos,
o que podes criar de novo?

154

No desprezo dos outros
é que encontras o desafio
para a tua vaidade,
e duelas com os espelhos.

155

Condenar-se à arte
é o ato mais violento que há.
Pelas bocas da Natureza
somos devorados.

156

Em vão esperam as palavras no morto.
E porque ninguém nunca as ouviu,
agora exalam um odor de culpas podres.

157

Como fina teia,
o sangue segrega
um primitivo ressentimento.
Quando menos esperas,
ele salta do inconsciente,
e põe tudo a perder.

158

Para não humilhar a obra
que tens aqui na terra,
não mostres tanta paixão
por tua morte.

159

Descendo aos infernos,
provarás da coragem
que um dia animou os deuses.

160

Guarda-te das palavras
cujos ventres não arfam,
nem rompem amarras.

161

Não apreender o inapreensível
é consumir-se em vão,
ensaíar o morrer prometido
às portas do paraíso.

162

Não há fazer mais criador
do que não subjugar-se.

163

Senão um sonho
a praguejar na solidão,
o que mais pode ser?

164

Ausentado deste mundo
esperas por um resgate
que não virá de mão alheia.

165

Resiste à culpa,
e eu te revelarei certos dons:
como aguçar a vista,
enxergar gnomos doidos
sobre o pudor de um morto.

166

Mudar tu podes,
mas não calar ou fugir.
Rompe a casca e voa
o mais alto que podes voar.
É por mais Vida que se morre
na dança das Estações.

167

Consumes a vida a tramar
o teu próprio seqüestro
contra o Destino,
para não assumi-lo.

168

Deixa que te desculpem.
Não faz mal que todos te mordam.
Só é preciso não perder a palavra.

169

Só os descontentes
de si mesmo fogem da solidão:
não os salgou o suor
dos plantadores de auroras.

170

Se queres parecer humano,
planta o desassossego
nos outros, e o sonho
abrirás os olhos.

171

Pai, como desprezar-me
por amor-próprio
e tão altivamente,
que nenhum açoite
venha humilhar-me/

172

Tudo se acaba e se refaz,
o poema em suas águas,
o tempo em suas fabulas.
Só não se acaba a palavra
que se pode dizer – e não se diz.

173

Quando todos calam
e se fingem de mortos,
só a dor quebra o silêncio;
e não há solidão quando
se a interroga aos gritos.

174

As carnes postas aos abutres,
morrem as horas diante de ti
com indignidade.

175

Porque chegas tarde,
os dias vão passando
e os desejos se consumindo,
natimortos.

176

Foge que foge das palavras
que se consolam.
Bate que bate no orgulho
que espia das jaulas do corpo.

177

Saturado de futilidades,
estás vazio no escuro do coração.
E passam as horas, funâmbulas.

178

Só a linguagem da alma
pode desenganar o medo,
mas com sangue.

179

Todo revolucionário
justifica o seu medo na ação.
Esconde as limitações na liberdade.

180

Não enjeites
as feridas da insaciedade.

181

Que importa carregares pedras,
se a alma voa e canta?

182

É na argila das palavras
que se vaza a dor,
para moldar o poeta.

183

Só o que nada é pode arder,
e de suas cinzas elevar-se.

184

Na erótica das culpas
o orgasmo – o tropel dos corpos,
é um ritual de mortificação.

185

Arranca
as aldravas do coração.
Entra na alma
e confia.

186

Só ao além de ti, a fome eterna,
prestarás conta.

187

Nada
crias de novo: apenas revelas
o que está dentro de ti
e da alma universal.

188

Vão-se gastando os dias,
os sonhos de âmbar, prepara-te
para suportar mais tédio.

189

Pode-se matar uma pessoa
com uma palavra,
e a salvar com outra.

190

De que vale a alma libertar-se,
se não provou as seduções
do pecado original?

191

Juntos
acharemos tudo o que necessitamos;
nos bastaremos,
e nada nos faltará.

192

É na resistência
que se ama
mais intensamente a vida.

193

Não te afogues
nas águas reavidas da memória.

194

Agarra o desejo pelos chifres
e deixa-te arrastar:
ainda há tempo e ocasião.

195

Reparam como passam os dias
no podredouro das horas:
onde o tempo cai
o sonho não se alteia,
só a dor bate nas pêndulas
e no balouço espera o verdugo.

196

Compadece-te
dos demônios que não amam
nem são amados,
mas podem rebelar-se.

197

Entusiasmar-se, à beira dos sonhos,
é encher-se de deuses, anjos, bestas, gênios,
empunhar a espada que nos foi negada.

198

Não cobices sem ambição
nem ambiciones sem desejo.

199

Só a um confessor
tudo pode ser revelado,
e que nos acolhe com sabedoria:
a ignorância.

200

É preciso voar
pelo avesso das horas
para a chama
em que se há-de arder.

201

Se queres de fato ver
vaza os olhos do orgulho.

202

Não assumir um lugar à mesa:
para isto é que nasceste.
Arder na palavra, e não ser ouvido.
Quebrar a alma no amolar das pedras.

203

O que segrega a força
adensa o vôo,
adestra o sangue
para o salto imortal.

204

Se a tudo resistires,
entre mim e tua morte.
os desejos escassos
hão-de retornar o fôlego.

205

O amor é um músculo
que se ergue e ousa
como a larva na luz,
e arde na chama.

206

Se não podes voar,
nem por sonhos,
arrasta garboso
o tédio pelos cabelos.

207

Como podes esperar do destino
se és princípio e fim?

Dá-te o mundo ainda hoje,
come-o como se come a um bolo.
Lambuza-te. Se vomitares, vomita.

Amanhã serás outra fome.

208

De coração para o avesso,
desentranha-te.

Com alguma vergonha,
deixa-te ver com os olhos de outro.

Levanta-te dos espelhos, e anda.

209

Da raça dos que cedem sempre
às tentações, teu inferno
é que o desejo nunca irrompe
nas horas mais alvissareiras.

210

Sangremos juntos,
e a vida não se coagulará.

211

Quem há-de acompanhar-te
nas madrugadas sem esperança,
arrastar o carro da vida
com mãos feridas, tão longe
de todos, tão perto de ti?

212

Senão pelo sortilégio
de certas palavras invocatórias,
não conhecerás a verdade que se oculta
entre a alma e tua máscara.

213

A vida é só tua,
e se esvazia com as horas.

214

Toda erótica
ancora-se nos perdimentos,
para que tudo se renove
na maré cheia.

215

Deixa aflorar o desejo
que ainda germina de teu cadáver,
como erva daninha.

216

Te ocultas,
no sonho dormes acordado, temes que as paixões
te invadam,
detonem os instintos mais primitivos.

Mas é vergando a carne
que se revela a alma ao mundo,
os destinos saltimbancos.

217

Como viver
com minha morte inteira,
sem que lhe ponham as mãos sujas,
maltratam meus demônios de estimação?

218

Quando te encontraras livre
de todos esses ajustes de sangue
contra o desprezo?

219

Nessa vida transitória
agarra o inesperado
pelas crinas, e monta-o.

220

Que importa saciar os sentidos,
se finges não ver a alma ferida,
suas fomes?

221

Não há dor que em vão se acabe
quando não sufocamos as palavras.
Calar é alimentar a dor entre as grades
que o nosso medo enjaulou.

222

Te assustas
como sombra envergonhada
sob a malícia
dos deuses intrigantes.

223

Desdenha o medo,
e as culpas se dissiparão
no vazio.

224

Mesmo varado à baioneta,
ainda não sofres toda a dor,
e não podes provar tua resistência.

225

Quando queres fugir
eu sou o teu silencio,
e nele respiro.

226

Por mim,
não descerás ao inferno
para te humilhar,
nem subiras aos céus
para suportar-me.

227

Enquanto bailam as horas
com asas levitadas,
desprende-te das amarras
e voa com as palavras.

228

A fome espera nas madrugadas
construir os dias e os sonhos,
mas ninguém responde,
nem o sol se põe à mesa.

229

Estás só fora de ti,
e esperas em vão uma resposta
dentro dos outros.

230

O gosto que sentes na boca
é do sangue das palavras
mal-proferidas.

231

Os deuses bebem o sangue
dos indiferentes. E cantam
pela boca calada dos mortos.

232

De que vale martelar nas bigornas
o sentido das palavras,
se tudo o que forjas é a resignação?

233

Para não seres governado
por homens inferiores,
governa-te!

234

Se a morte é uma ortodoxia,
então seremos heterodoxos,
(enquanto os anjos bocejam).

235

Pós-modernizar-se é repetir os Gregos.
Cavar em solidão as palavras do Princípio.

236

O que há de consumptivo
no amor é o canibalismo.

237

Palavras, palavras:
ferem os ouvidos da alma,
mas não quebram tua perna.

238

Para te povoares,
cuida só do que serve à solidão.

239

Por que adias
o encontro com tua alma,
o sorriso ao pé da escala
em que tudo ainda pode acontecer?

240

Não precisas de ti para anular-te,
mas da sombra de outro
e perder-te em outros olhos.

241

Caça as palavras com redes
de arrasto e cães de faro,
e foge, ao encaço de ti mesmo.

242

Se não partires logo,
sob as varas do coração,
jamais encontrarás o Inesperado.

243

Por que vais tão longe,
se tens a casa do coração
para guardar?

244

Deus
te concedeu o sol e a palavra,
e um barril de pólvora
para não calares a boca.

245

Começa o dia a expulsar de casa
os sentidos ávidos, os sonhos,
os pássaros insanos das palavras.
Que revoem de todos os poros!

246

Quando os mortos perderem o viço
e os sobreviventes o orgulho,
é que a vida já não te pertence.
Teus inquilinos mudaram de alma.

247

Transgride os limites,
rasga os tratados,
abre contendas,
litígios, distratos.
Que o deus do silencio
Não sele tua boca.

248

É para isso que ajuntamos palavras
a salivar tinta por todas as bocas:
morrer de outra morte?

249

Se a arrogância abrir os flancos,
os antípoda entrarão, conciliados.

250

Sem descanso, sem esperança,
vive cada dia o inferno
e o paraíso de uma vida inteira.

251

O que é que arrastas
noite e dia, senão
a sombra com que pareces,
a hora em que pereces?

252

Por acaso alguém se importa?
Onde pisares não deixarás rastro
nem te dá conta...e há em ti
um deus que canta!

253

Enterra a culpa no esquecimento,
e tuas veias se fartarão
de sangue novo.

254

A cada manhã
saúda os deuses do Acaso
com cerimônias propiciatórias.
À noite, cria teus próprios
acazos. E outros deuses.

255

Se a vida queima sem arder,
e não busca a si mesma,
espera sempre nela, confia ainda:
é para provar-te que ela tarda.

256

Sob os ventos vernais
deixa-te voar lascivamente
com as palavras.

257

Se corres para a morte
é para reaver a infância
nos luzeiros da memória.
Lá tinhas a alma apetecida.

258

Encurralas o gesto
nessa hora maior que a morte.
Não sabes que vives o dia
uma só vez?

259

A dor de alguns tudo suporta,
não conhece limites,
para que outros se regozijem.

260

Os que sofrem,
e não são ouvidos,
possuem a coragem
dos deuses.

261

Se erotizares a palavra,
os gritos sufocados da infância
hão-de jorrar, semens de alegria.

262

A alma de um homem
é feita de muitas culpas,

e nenhum crime, senão
os da carne, de sua espécie animal.

263

Se depois que triunfam
as revoluções decepcionam,
então é preciso torná-las
permanentes. Nas tréguas,
comeremos dos frutos conquistados.

264

De tuas pouquidões
colherás a hora que passa,
e a engravidarás de sentido.

265

Ludibriamos o desespero
quando lhe damos nome e voz,
e o intoxicamos de esperança.

266

Os que não criam desavindos,
cavilam
formas infernadas de morrer.

267

Ávido espera:
o sonho é uma porta aberta,
nos expulsa de casa.

268

Se a roupa oculta o corpo
e a carne esconde os ossos,
só o poema desnuda a alma
no meio da rua.

269

Amar as palavras
é viver nas gestas da alma
suas representações mágicas.

270

Com o punhal sobre o coração,
o poema há-de encarnar-se no povo,
correr no sangue de suas feridas
mal cicatrizadas.

271

Nunca terás nada nem
serás alguém, senão carne venal
no grande bordel do Capitalismo.

272

Os que colhem os frutos da injustiça,
alimentam a indignação.

273

Como reencontrar-te nas raízes,
se não há mais onde cavar?

274

Nos gumes do constrangimento,
as palavras arreganham os dentes,
tigres levitados.

275

Se é na palavra que se aprende
- a despeito do mal que dela se faz uso -,
é preciso ainda insuflar-lhe por alma
outra palavra, mais absoluta.

276

Se para que nada te falte,
dou-me eu próprio,
então já não somos dois,
mas uma só dor
que outra dor alivia.

277

A demasiada humanidade não sobrevive
senão pela renúncia.

278

O que importa
é desabituar-se de si mesmo
para que possamos ser por inteiro.
Sonho e Verdade, frente a frente,
em luta feroz.

279

Só é excluído dos frutos
da árvore da vida
o que se exclui a si mesmo,
ruminando a própria culpa.

280

Com o destino
a tremer entre as mãos,
a vida salta como ondas
dum milênio para outro,
a quebrar-se de encontro a nós,
homens e pedras.

281

Ave pousada ao pé da aurora,
a palavra irriga-se com o próprio sangue,
e canta a liberdade vindoura.

282

Não ouves bater
de seus caixões fúnebres
os que não têm voz,
esperando pela palavra?

283

Não amealhes fortuna
metendo a mão em alma alheia.

284

Se nas águas vivas das vísceras
trafegam os vermes da iniquidade,
deixemos a alma conspirar
e insubmissa libertar-se.

285

Para que não apodreçam,
oferece tuas carnes
aos tigres cativos da alma,
e ela se libertará.

286

Quando meus ossos embranquecerem
sob a terra, sem nome ou memória,
o seu pó ainda há-de nutrir
ervas daninhas. E eu retornarei.

287

Há um só sentido na dor:
o de resistir
enquanto mudamos de dor.

288

Se no mesmo rio das palavras
aplacamos a sede e a altivez,
por que pagar o desprezo,
com outro desprezo,
espada contra espada?

289

Ainda que expulses a verdade
na longa noite dos punhais,
ela sempre há-de voltar,
filha-pródiga.

290

O que será de nós antes da morte?

291

Que fazer,
sem ficar na alma a culpa,
senão perder a inocência,
os motivos da redenção?

292

Do que grita meu coração,
porque estou aqui dentro,
ah, eu é que sei!

293

Não há revide maior que a resistência,
os silêncios da desobediência.

294

Senão pelas palavras
encarnadas na alma do povo,
quem há-de lembrar-se de ti
depois da morte?

295

Desenevoar as vistas
é apalpar o invisível,
saciar as fomes da esperança,
petrificar o som
dos futuros campanários.

296

Não há obra de arte mais verdadeira
que a dor carpinteiro
a fabricar cadeiras
à beira da eternidade.

297

Semear-se no cio dos ventos,
colher os augúrios da terra,
lavrando-se ao sol do coração.

298

Regozija-te
se ainda podes ruminar a dor,
fazer dela músculo e sangue,
urro e alma.

299

Com ninguém vivo
melhor ou pior que comigo
- e sei, quando morrer,
baleado em pleno vôo,
ferir-me de salvação.

300

Não há espada mais penetrante
que a palavra:
de sua ferida, nos vergões,
sangra a verdade.

301

Nos tempo de Salomão
os pastores cardavam o sol,
teciavam o manto da aurora
à sombra dos tamarindos.

302

Nos tempos do Senhor
as palavras acordavam o coração,
nele penetravam, qual semente,
e cantavam os cristais de orvalho.

303

Viver
é acordar as palavras,
tirar a ferros a vida
de seus grávidos ventres.

304

Inventariando sonhos bufos,
estás só, sem nome, sem rosto
ao serviço de pequenas coisas.

305

Não há crime
se pela violência
eu me libertar.

306

Conhecer os limites
é transgredi-los
no sonho explosivo
de matéria e sangue.

307

Se a paixão é tudo,
e tudo fora da paixão é nada,
então a dor que sinto é ela!

308

O poeta
come da árvore da vida
os frutos vassalos da palavra,
e cospe sementes de orgulho.

309

Encher a hora de vida,
a vida de sentido,
o sentido de palavras,
as palavras de matéria,
a matéria de gozo –
e pendurar a alma no varal.

310

O bom ladrão de ofício
faz a lei em seu benefício.

311

Que outra coisa é o homem
senão a palavra que pensa e sente
apalpando no escuro o ser,
em queda livre no tempo?

312

Quem sabe viver,
nas calmarias colhe tempestade.
E se há-de escapar,
seja para outra maior
- até aportar.

313

No aprendizado do ócio,
criarás com suor a arte.
Fera enjaulada, no sonho
romperás as grades.

314

Levanta os mantos, os castos, linhos,
as sedas verônicas – descobrirás ali

toda a escabrosidade do mundo.

315

A dor se acaba
quando lhe damos um nome,
crispamos a alma
e nos arrojamos fora dela.

316

Os deuses passeiam na alma.
Se não se manifestam
é porque sonhamos só para dentro.
Não aprendemos a acordar.

317

Afia as palavras
como o soldado o gládio
para o ajuste de contas.

318

É preciso gravar no asfalto da ruas
com palavras em chamas
que os poderes nada são,
toda a esperança é vã,
e só a desobediência aviva
o fogo adormecido dos loucos,
dos amantes e dos sofridos.

319

Alquimista, só hei-de falar
do desejo irrealizado das coisas.
Do que sei, cal inútil, eu calo.

320

Banhado de luz,
os selados mistérios,
sementes de fogo,
se encherão de vozes.

321

Caído das trevas, foste criado
para servir e honrar as palavras,
nutri-las nos serpentários
e largá-las ao mundo,
semoventes sinais de interrogação.

322

Não te desconsales
se os deuses não te ouvirem
nem se apiedarem de ti.
É que não gritas largo e alto,
até alar-se a alma.

323

Se tudo passa,
não temerás perder-te no escuro.
Os pássaros da solidão
sempre hão-de arribar na primavera.

324

Sobre as horas mortas,
na soleira dos horizontes,
passam os cavalos da eternidade.

325

Pela desmedida
partilhamos a desobediência com os deuses.
Pela razão erigimos grão a grão
as pedras da conformidade.

326

À crista de toda a dor
as palavras hão-de reinar,
e aprenderemos o ofício de suportar.

327

Pouco se nos dá
que a morte adormeça no espírito:
viveremos nas palavras.

328

Para onde vão os que sobem
pelos degraus humilhados do ser,
e que por nós passam
frios e duros
como o mármore por onde pisam?

329

A violar os selos, o poema
moureja na argila bruta
para que a palavra seja.

330

Pelas ruas de ti mesmo, ao rés do corpo,
arrastas pelos cabelos a longa noite canibal.
De porta em porta buscas a casa do coração.
Ali, onde só tem cabida a alegria
e nenhuma vilania pode nela morar.

331

Quem busca o prazer
encontra dor e se compraz:
dela é que se nutre o sonho.

332

Escuros são os caminhos da poesia:
no tear das palavras quer parir a vida
que um dia seria se engano não fosse
ou tecê-la fio a fio na goiva dos sentidos
que pedra seria se paina não fosse
mais que fantasia, anjo-funâmbulo,
desejo que não se acaba
a sonhar sonhos de areia.

333

A morte-cachorra leva tudo de vencida:
só a vida é sonho que pensa
que a pode enganar, ocultando-se no sangue.

334

Os deuses
mordem a alma dos humilhados,
põem-lhes febre no coração,
para que se rebelem.

335

Quem forjou o orgulho,
com sua sede, a sugar
o viço dos narcisos?

336

Se todos somos feitos
da mesma argila,
amassados no mesmo barro
e jogados na vala comum
inundados de esperança,
por que não partilhamos
as mesmas paixões,
as mesmas culpas?

337

Tudo suportamos:
a fome a humilhação a vergonha
no entulho das horas – e resistimos.
Pela palavra damos nome às coisas,
e nos mantemos vivos.

338

É do silêncio em vigília
que eclode a vida,
a atravessar-nos solarmente.
Dos ruídos vãos escarva
com pés caprinos
a morte dentro, o esborôo.

339

Se dos primeiros padecimentos
faltar a palavra para suportá-los,
como os doentes que se deixam morrer,
então é preciso reeducar a dor.

340

Não esperes
bons e maus agouros,
os arrojados vôos
de pássaros emudecidos.

341

As paixões não açoitam
a quem já está morto
na carnagem das horas,
medido e morno.

342

Se não és senhor de mim nem de ti,
ou do sonho em que te encarnas,
sê escravo da vida reacendida
apesar das cinzas de tudo.

343

A dor se acaba
quando lhe damos um nome,
e nos arrojamos, aflando o sonho.

344

A cavar nas fontes da vida
de mim hei de ir embora
reaver o quinhão de sonhos
que outros viveram por mim.

345

De provar o pesadume –
a chatidão dos bois, o escarvar,
a sanha e as ânsias,
o pedrouço das palavras –
quero agora provar a leveza –
o fogo-fátuo, o salto-imortal,
as graças havidas,
as danças desabridas
das almas ágeis.
Depois, calgado o desejo,
me desencarnarei,
emigrado de mim.

346

A dor que não se comunica
é dor mais que dor,
e dói mais que tudo.
Anda sem nome,
anda sem rosto
e se engole como fogo.

347

De que serve espancar o nada
com palavras cruentas,
se é desse nada que os homens vivem
e sonham enquanto esperam
o que não há-de vir
senão pela revolução?

348

Se tudo o que existe
em todos está contido
(as graças, as vilezas)
e a cada um cabe sua parte
no ofício de não ser em vão,
por que nos expulsamos,

por que nos deserdamos?

349

Recolher-se em si mesmo,
peregrino do seu próprio deserto,
é infernar-se sob tambores mudos.

350

No livro dos princípios
ardem ainda as palavras
com mil braços humilhados:
“do homem, pelo homem, para o homem!”

351

O poeta mastiga a dor
antes de a gritar
nas cordas medidas do coração.

352

Varados os dias cinzas do exílio,
sempre tornamos à casa da palavra.
Ali se escritura a economia errante
das coisas, dos seres e da boa morte.
Contamos as moedas e os sonhos
e aprendemos a suportar o desejo.

353

Não há maior afronta à miséria
do que o poema.
Do sangue de suas palavras
desobedientes
a morte se comuta em mais vida.

354

Contra toda a razão,
o poeta tece a rede
em que aprisiona as palavras
nas umbelas da paixão.

355

Por que
é que nos prometeram
a repartição das felicidades,
os bens vindouros,
o poder viril das palavras,
as feracidades,
se tudo é ilusão e dor
no desassossego do ventos,
e nada senão sonhar
podemos fazer?

356

o que se tira das palavras é vão.
O mistério não se acha nos livros,
e somos acordados, a alma apedrejada,
os sonhos arrombados pela morte
com seus pés caprinos, numa luta desigual.

357

A humilhação sabe-se,
a desobediência aprende-se
- e nos move!

358

Há tanta loucura nos corações e nas mentes
que para não enlouquecer
é preciso fingir-se de doido,
e ocultar-se, perpendicular à vida.

359

Perdida a palavra,
perdidos o sonho e o revide,
que nos fica senão o tédio,
o nojo consentido?

360

A fruição do mal
nutrido de suas próprias seivas
- e que se apetece –
é raiz muito rija de se cortar.

361

Com o pouco de astúcia
que se refrata dos cristais
haveremos de nos tornar naquele
que os outros imaginam que não somos.

362

Cães uivando à lua,
não buscamos a verdade,
mas a sua sombra.

363

Como há-de voar
entre a labareda e o destino
quem está pregado na mesma cruz
- sonhos e braços e esperança
sem gesto de mudar?

364

Não se pode esconder
o sol dentro da alma,
nem a palavra, calada.

365

Todos esperam de tuas narrativas
as pelejas, feitos, cicatrizes,
os sonhos fundidos em espada,
as paixões palpáveis.
Porém esperam em vão:
lutas para dentro.

366

Que coisa é o ciúme,
com suas decepções, recusas, desprezos,
senão ira, ira com dentes de tigre
a roer os próprios ossos?

367

A alma
estremece e dança,
canta no sangue.
Bebe-o e parte
que vem chegando
o dia do revide.

368

Com suas mós
os deuses movem
as rodas dentadas do poder –
esmagam as palavras,
e cospem o caroço da verdade.

369

Lá do fundo vem uma voz
e da servidão abrem-se os caminhos
largos e ousados
para a insurgência, a desumilhação.

370

Pesamos avenças e desavenças
as armas irreconciliadas
o avesso e o direito
e nos pomos a duelar
com medo de nos possuímos
na mesma voz, no mesmo sonho.

371

As palavras,
não convém erguer a pedra de seus túmulos:
os deuses cavilam ali no escuro
a ressurreição dos vermes.

372

A paixão fruída, desumilhada,
saltando de sua impaciência,
entre uma presa e outra presa,
é preferível à paixão sonhada,
com suas artes de envenenar.

373

Se não é possível o salto eterno,
o que é que vive em nós
enquanto morremos, a mulher de ontem,
o sonho de amanhã, a palavra não proferida?

374

Depressa, rogo-lhe, o tempo corre,
a alma não espera o sonho
de braços mutilados plantar-se no vazio:
é preciso fazer mais como homem
do que falar como Poeta.

375

Quanto maior for
o teu sopro de infinito
a distanciar-se da praia
nas quilhas do êxtase,
menos serás pressentido.

376

Os rios, caminhos que andam,
nos levam com seus sapatos de água
onde não queremos ir: a casa do coração
- e como desaprendemos de obedecer,
afogamo-nos ao lampejo da estrela matinal.

377

Abandonar-se ao peso humano
é perecer sem culpa, entrevar-se,
na liberdade apenas autorizada.

378

Do que canta o meu coração
nenhuma dor há e ser em vão,
mas resina que o sustenta e anima
até erguer-se a alma clandestina.

379

Agora sabemos
que o nome da consciência
é o grito animal, a dor
a chama na rede das horas
essa voz sacudida, o estertor,
a despertar homens de granito,
chagar-lhes o coração.

380

Saltar da argila humana é preciso,
enquanto os deuses ainda dormem,
roubar-lhes os dons, os augúrios
reinar sobre as paixões.

381

Eu não suportaria ser feliz
senão com a condição
de que semeando o riso e a lágrima
todos pudessem colher das cinzas
a flor de ouro, comer à farta
a grande felicidade.

382

Fazer o mal consciente
é expor à luz suas carnes de sombra,
e com a palavra o apunhalamos.

383

De uma dor
para outra dor
quem há-de nos dar guarida
nas estações da felicidade,
senão os sonhos passageiros?

384

Tudo se perde
quando perdemos as artes da sedução:
os pássaros no vôo se deixam dormir
e caem sob o arco das sete cores.

385

Não alcançarás a verdade
senão pelo caminho do erro,
assim como quem rasga
as próprias carnes,
e as dependura nos varais, ao sol.

386

Quem não frui o pouco
mais leve que o ar
como há de gozar o muito senão pela gula
circular dos abutres?

387

É preciso quebrar
as fontes seladas do coração,
e caminhar em nossa direção
não olhando para trás.

388

O eterno retorno
das mesmas coisas cotidianas,
como lãs sonâmbulas,
nos faz sentir
que é preciso mudar de casa,
varrer da alma
os mesmos hóspedes indesejáveis.

389

Para todos nasce o sol,
e desde a aurora ao crepúsculo
sonhamos o sonho alheio
de viver a vida de outrem
que nos espreita e sobrepuja.

390

Quem nos dera ser,
não pensar em nada,
abrir-nos como as espigas
em grãos de sol,
não vendo o destino terrível.
Sentir que despertamos
onde a eternidade adormece.

391

Eu te escuto
mudo a dor em prazer,
nos tornamos cúmplices.
Não há culpa sem revoada,
também sofrendo se voa
e dançamos ao ritmo da luz.
Só o vento nos conduz – e o sonho.
Entornam-se em nossos olhos, vivas,
as palavras – e nos desnudamos.
Nunca dormimos na alma, apenas na carne.

392

O orgulho
abre os grandes olhos insolentes,
nos fere de bala o peito –
e com alma se move.

393

O escravo, a sonhar de sua cela
a vida ausente e postergada,
se compraz nas goelas do tubarão.
Ignora que a dor é efêmera,
a alegria invocável agora
e na hora de nossa morte.

394

O que seria de nós
se as palavras não se encarnassem,
anjos-pequenos avidamente esperados?
Certamente nos converteríamos
em estátuas de sal.

395

Nascido da terra,
pólen extraviado na paisagem,
nada podes criar sem a Natureza
nas tempestades da alma.

396

Feitos da mesma argila
das primeiras palavras,
o que nos anima e abrasa,
para além dos deuses caducos,
é o nada de que somos provindos.

397

Quanto mais o homem
se apropria da natureza,
tanto mais se despoja de si,
encobrendo seus rastros.

398

Assim como mudamos de estação,
também mudamos de alma.

Só a natureza do mal
é que permanece,
a dor que não se compreende.

399

O que vem de longe, pressuroso,
há de chegar a lugar nenhum,
e se dissipará no escuro
sem deixar rastro.

Só o que permanece, o insuportável,
com unhas eriçadas,
nos arrancará máscaras do rosto.

400

A celebrar núpcias defuntas,
não transcendemos
os frutos pesados do ser,
e como quem nos segue
não anda à beira de precipícios,
vivemos sempre a despedir-nos
antes da queda.

401

Em vão pedirás a Deus
se não eternizares a palavra
ao falar com Ele.
Em vão pedirás a Deus
se não celebrares a vida
ao falar contigo mesmo.

402

Cada homem
pode tornar grande outro homem,
basta ensangüentar-lhe o orgulho
de humilhações amotinadas.

403

Não andar os caminhos altos,
e largos, os anjos convocados
entre cardos e estrelas,
montanhas e gáveas
é afogar-se nos charcos.

404

Nem os mais humilhados
de seu orgulho
podem ser despojados:
os dormidos estopins.

405

Se a dor é um mal,
quem há-de libertar
os que sofrem,
senão outra dor
mais insuportável?

406

Não aceites
a dor que há demais.
Não aceite, calado
a esperança nos pedernais
Se teu sofrer é aço em brasa,
te faz espada.

407

Entre sonho e o desejo,
perdulários do tempo,
preparamos os jogo da morte.

408

Se aprendermos a desdenhar
nenhuma dor poderá afogar-nos.
E só a palavra nos moverá
como um cristal vibrando,
até quebrar-se.

409

Do aprendizado, a alegria
provará o sal da terra,
e viverá mais tempo
amanhando a alma das coisas.

410

Nem começaste a nascer,
e já queres entrar
na eternidade das raízes?
Se queres viver,
não morra mais.

411

Nenhum ladrão de tempo e dor
há de bulir-nos impune os lutos,
as feridas da alma, nem turbar
no silencio da madrugada
nossos colóquios mais íntimos
com Madame Lamort.

412

A vida que se doa à vida,
emprenhando-a só de palavras,
há de voltar-se contra si mesma,
sedenta do próprio sangue.

413

O Poeta

põe sua vida nas palavras,
reina com elas
sobre o coração dos homens,
mas não no seu próprio,
as quais não mais lhe pertencem.

414

Nem tudo é para todos tudo:
cuida de cultivar tuas vinhas montanhesas
sob a sinfonia das estrelas,
assim beberás dos vinhos o mais puro,
gozarás atoamente o tempo
como de um vento – a mover-te
de humanidade confiante,
e tudo e todos serão demais em ti, e pouco.

415

Quanto mais de si mesmo
o homem esconde das palavras,
mal disfarçando o seu medo,
tanto menos tempo lhe resta
no ventre das ampolhetas,
e mais se esvazia.

416

O Poema

não é a satisfação de uma necessidade,
mas apenas o meio para criar e destruir
outras necessidades.

Ali, onde os desejos se entrelaçam
nas palavras buscando a Permanência.

417

Não calaremos, não esperaremos
e a humilhação não nos expulsará.

418

Sangue e dor acasalados
dançam sob a música dos punhais,
brincam de morrer, e cada manhã
lavra-se a dor que na dor se habitua:
do que floresce, colhemos a faca dos sacrifícios.

419

Da noite que vieste
e para o sonho que vais
haverás de passar
tão perto quanto possas
da alma, nela tocar
com a boa palavra.

420

Por não temeres as palavras
poderão até esfolar-te
mas não te podem ferir
porque não temes as palavras
só não poderão roubar-te
o destino que tem de ser
porque não temes
com tua boca não poderás
beijar outras bocas
mas o grito, o revide
que é maior do que tu
ninguém o poderá conter.

421

Se teu corpo murcha
como gerânios ao luar,
foge para fora dele
na contraluz do sonho,
e se não queres perecer,
há os ancoradouros da alma:
ali, milícias de bocas solidárias
te acenam com a palavra, a palavra
que sustenta um homem.

422

Não sabemos o que fazem os mortos,
senão, por certo, que já não sofrem
mal ou dor – porque então sofremos nós,
nos cobrimos com sua sombra?

423

Nenhum homem vivo pode dizer:
mas quem sou eu?
sem antes chagar as mãos
na argila do seu próprio Destino,
e responder: eu mesmo sou o culpado.

424

O fogo que existe em ti, à cinza há de tornar.
Mesmo que te enraízes no futuro,
o presente que vibra de ti,
ao passado há de regressar.
Ainda que te entranhes no escuro,
a palavra que existe em ti,
outra palavra há de calar.
Mesmo que te enterres no sonho,
a dor que geme de ti, outra dor há de acordar.
Ainda que te semeies ao vento,
a hora que colhes de ti, o tempo há de velar.

425

Se nós mesmos nos desfazemos,
pela palavra é que juntamos
os pedaços, refazendo o desejo
por trás da pele, e nos possuímos:
carpintaria e dor
nas engrenagens do tempo.

426

O Destino
se ateia como chama
no interior da hora compartilhada.
De tudo é capaz o homem,
se for um sonho só:
um sonho solidário.

427

Não esperes, a roer as unhas do tempo:
omitir-se de algum bem é engolir o mal.
o mesmo que desfazer é não fazer.
Se até os anjos desobedecem, não finjas
que não sabes, propinando a alma.

428

À medida de tuas asas, assim é o sonho
assim é tua sina – e te rebelas.

429

Não te finjas de morto
antes do tempo,
se não podes secretar
do próprio sangue
a alma veemente.

430

Não devo desfrutar do mal,
o infligir aos outros
nem lamentar seus golpes
sobre o frágil tambor humano,
mas posso insurgir-me
com palavras e pedras.

431

A sede de se apropriar
de coisas e de palavras
roubadas aos deuses,
e partilhá-las com os homens,
acordará a alma.

432

Entre o homem que colhe
e o que semeia
há um homem que sonha.

433

Excitaste nas veias
o sangue das palavras?
Vive-as, agora, nos poros,
aprende a suportar os assomos,
disciplina-os, as palavras
hão de afogar os vermes do medo.

434

Andas adiando o que tens a fazer,
a dor dos outros não é de nossa conta...
e choras, na hora monótona, a ausência
desse Deus embrumado e frio.
Pequena é a vida, não há daimons nas cancelas.
Hausto inútil, a palavra, não cinzela
a alma, nem o eco lhe responde.
Como pode um homem gritar, se o Deus dorme
e dorme o mundo, e tudo dorme em tudo?
Quem há de acordar primeiro,
arrombar a boca dos que calam,
e se consolam na dor?
Se assolar, Deus pode; revidar, pode o homem.

O trabalho de ver está feito,
agora pratica o trabalho do coração
com essas imagens cativas dentro de ti,
pois apenas as subjugaste,
mas não as conheces.

RILKE

Sumário Crítico

PRC, cuja palavra grave foi assemelhada a “uma raiz que fecundasse a terra de auroras e ressurgimentos” (...) Testemunhamo os versos de abertura dum trabalho que bem poderia caber na modalidade épica, portanto impessoal,- porque traça um destino heróico, não as vicissitudes de um poeta sonhador. Antecipo a objeção: tudo isso deve ser aplicado, não ao criador da gesta, mas ao seu herói. Tanto melhor, embora eu pressinta uma identificação do criador com a criatura. Há luta em todos os recantos do poema. Da sua posição de fogo, o lidador adverte: “Olha que nasce a guerra...” Ele se acha entrincheirado num sonho de grandeza e de conquista, o que lhe propicia um terreno ideal, embora ígneo, para um amor que raia com a loucura: “Aqui, ele ama como um homem ama: /A própria loucura”. Por este lado constituindo a luta com um dos maiores antídotos contra a ansiedade, o poema é alvissareiro. (...) A inquietação denuncia-se no entre-choque de situações afetivas pragmaticamente opostas, como “fúria e gozo”. A própria obra que o guerreiro-demiurgo empreende tem um tal ou qual caráter teratológico, como reflexo de estado tumultuário do seu espírito (...) Sente-se que na construção mesma há demolição. (...) Poeta do mérito desse estreado, cuja sensibilidade – e encantamento até! – nos dão versos como estes: “De muito retalhar/ o silêncio da terra,/ Tanto,/ tanto penhasco removi em pós o enigma da posse,/que aprendi a ouvir o inexprimível: /Como a semente baixo ressoa, /logo cresce, /Se agiganta”. (...) Há pois fundadas razões para se acreditar nos poemas e prosadores do momento, negando o panorama sombrio que eu vi há uns doze anos atrás e que nada mais era do que, simplesmente isto: a literatura estava morta em nossa terra. E o grande sinal da terrível verdade era que a mocidade se mantinha calada.

Dionélio Machado

Variações sobre a Poesia
Correio do Povo, Porto Alegre, 6/11/66

Andei lendo e relendo – em sessões descontínuas, depois de uma contínua – seu Breviário da Insolência. A força de Crisbal perdura, mas você cresceu, na construção, na capsularidade, no epigramático. Está algo dizendo-me que sua economia verbal é usina da qualidade – associada a algo que não é freqüente, a

luminosidade. A coragem de não abdicar de uma convicção – a de que, como homens, sejamos deuses ou sejamos nada, nada somos se não reivindicamos para todos o que queremos para um só que seja de nós – faz de sua poesia algo eterno, indo às fontes, pois nas fontes até o lírico é social. Nisto que me resta de vida, é uma alegria – grave, mas alegre – ler o que sai da alma de homens como você. Se o quadro humano é torpe, não o é por causa de homens como você. Poeta, prossiga – rogo-lhe!

Antonio Houaiss

23/2/91

(...) Os núcleos com que se mune, na Estação de Força (1987), se constelam em rebeldia, motim, cavilação, conjuras, privação, forjadura, viseira, sublevação, batalha. Seus vocábulos são ferrenhos, como o fio da espada desembainhada. Livro de verbos em rotação, todo o texto ruma para a luta sem quartel em lugar nenhum. Ou em todos. (...) A poesia de PRC, em Breviário da Insolência, perdeu os adornos, para se tornar mais intensa; despojou-se para achar a medida de exatidão e deserto. Adentrou-se para adensar-se. Ficou substantiva para endurecer o pensamento na luz. e a luz na palavra sonhando. As coisas só podem ser ditas, como o foram pelo poeta, até o cerne. De Crisbal, o Guerreiro (1966) para Estação de Força (1987), foi um processo de maturação e quietude. Vinte anos de silêncio os intermeiam. E, agora, esse volume editado pela Massao Ohno é a simplicidade da pedra polida na funda de Davi, até o alvo. Como Davi, o poeta não mais se ajusta à armadura e ao escudo. Joga-os fora. São demasiadamente pesados. Não se acoplam mais. Basta-lhe o cajado de peregrino e a funda esticada. Na perícia. O que mais é necessário para a altura da poesia, senão o lance no espaço? Tudo se engatilha, até a dor. Tudo se armazena, até o sonho. O raio atravessa a palavra e esta, a inteligência das coisas. Qual a técnica do vôo? É o vôo. A agudeza do arremesso. E a concretude é tanta, que explode o verso com as imagens. (...) PRC suscita, dialogicamente, como pretendia Bakhtin, a imaginação do leitor. Bate, desperta. E tem a capacidade verbal de “isolar e chamar a atenção para o que já temos em nosso poder” (R.P. Blacman). O que vislumbramos, antes. Na memória. (...) Eis a força, a fúria do que resiste. Pois não há separação diante da poesia. É sobretudo esta – obstinada, crítica, consignadora, vergada de trabalhos, esperançosa, livre. E que nos reconcilia com o tempo.

Carlos Nejar
Breviário da Insolência
Massao ohno, 1990

(...) Os poderosos deste mundo lançam mão dos mais diversos pretextos para manter o Homem sob o jugo da servidão, da miséria, da doença, do sofrimento, da ignorância. Cabe ao poeta manter desperta a consciência e compartilhá-la com seus irmãos. Cabe-lhe, com sua intuição visionária lançar pontes sobre a banalidade cotidiana e arrebatar ao futuro as utopias mais inacreditáveis; e colocá-las diante de olhos cansados, incrédulos, míopes e até mesmo cegos, a fim de que o Homem se sinta motivado a reunir o que lhe resta de força, para tentar mais uma vez o salto, o transcender.

Eduardo Alves da Costa
Breviário da Insolência
Massao Ohno, 1990

Quando PRC publicou, em 1966, *Crisbal o Guerreiro*, pelo Instituto Estadual do Livro, público e crítica receberam a obra com entusiasmo. Fugindo aos esquemas tradicionais, o texto revela com força épica raramente encontrada na poesia brasileira, constituindo-se o livro de estréia em obra acabada. (...) Retomando temas da obra anterior, (*Estação de Força*) impregna os versos uma força épica que funde, nas metáforas, erotismo e violência. Negando-se a contemplar o mundo, seu canto é coletivo, voz do homem que resiste ao próprio desamparo. Poesia social, é um grito de guerra que se nutre e ampara na esperança.

Léa Masina
Estação de Força
Movimentos/IEL, 1987

(...) *Crisbal*, o guerreiro, de PRC. Uma formidável construção poética, cuja linguagem se impõe, um tanto medieval, um tanto minério, um tanto arco-íris, em conjunto com as ilustrações de Stockinger, de uma força terrível. “*Crisbal* cavava um templo no futuro” – diz um verso de PRC – e outro: “*Obra bastarda*, suas mãos moldavam orlas/ na brasa quente, e ela refulgia viva e reta”. (...)

J.A. Pio de Almeida
Correio do Povo, 28/5/78

(...) PRC é um impressionista farncês mesclado a um trovador medieval. Parece que ele está cavalgando com uma bandeira de vitória na mão. (...) Gosto da vitalidade da sua poesia, do denodo (...).

Walmir Ayala, 2/9/66

(...) Insolência de quem contra quem? A insolência para acontecer, requer sujeito e objeto. O objeto comparece meridianamente definitivo já nas primeiras páginas. O agredido é o homem: o seu brio, o seu desejo de lucro, a sua vontade de oprimir. *Breviário da Insolência* é um livro contra o culto do homem ao homem. Contra um certo humanismo, que na inoportuna exaltação do homem, aplaude as excrescências, os adereços, do ídolo cultuado. (...) A poesia lucidamente preocupada em depurar a palavra, em reconduzi-la à origem, em surpreender o novo, leva o poeta a refletir sobre os seus instrumentos verbais. Nas veredas da poesia, PRC descobre o meio de o homem conquistar e reconquistar a dignidade, sem negar o corte da humanação. A palavra livre, insumissa, inventiva, depurada. Obediente à epígrafe: “tornar-se humano é uma arte”, o poeta faz da arte um instrumento de humanação. (...) PRC compreende a vida como um processo em que aquilo que é, nasce do seu contrário, dialética em que a poesia realiza a sua tarefa de renovação. *Breviário* é uma palavra que lembra prática religiosa, embora na poesia de PRC o breviário é sem transcendência, compromisso firmado com o aqui e agora, na sua emergência, na sua riqueza e pobreza. A lucidez do sujeito brota de dentro do que acontece. A espada se afia, na refrega. A vida renasce na escória em que se desgasta.

Donaldo Schüler
Rádio da Universidade, 20/3/91

(...) O poeta dá toda a ênfase ao canto, para transmitir na íntegra as suas emoções mais fundas de jovem diante da vida – a sua angústia, as suas esperanças, a sua estupefação às vezes.

Waldemar Cavalcanti
O Jornal, 23/10/66, Rio

“Crisbal, o Guerreiro” é um momento de consciência na poesia brasileira. É o grito agudo de um tempo feito loucura. É a ânsia realizada do poeta que habita o espaço do mundo moderno, que escuta a ameaça do seu tempo e busca nas cinzas do desvalor o barro inventivo do herói. Em Crisbal, o homem renasce, respira e supera. E a possibilidade de vitória surge como necessidade imperiosa. Porque ele é despojado e fantasmal, mas é real e olímpico, pois escuta as pulsações do mundo. Porque constrói o mundo, reinaugura o sentido e reinventa a razão. Crisbal é o renascimento do homem vertical e a sua reabilitação: busca na luta, não a idéia, mas o ato da dimensão do homem. Ele aproxima o homem do homem, desperta a sua consciência e faz brotar uma postura épica da própria condição da sua tragédia. Isso porque propõe a luta como medida do homem moderno. (...) Crisbal é a certeza e a confiança na vitória do homem, longe das nuvens do misticismo, pois é pregado na Terra que ele construirá as bases de sua humanização. Crisbal é um momento de dor para os niilistas modernos. (...) E se as linhas de sua poesia vibram de energia, e se o verso é deslumbrante e despojado é porque PRC não tremerá ainda diante das brumas do tempo que matam a juventude do homem. E se Crisbal continuar no gesto enérgico, não tremerá nunca.

M. Aurélio Barcellos
Correio do Povo, 5/6/66

(...) O que fascina em teu livro é, justamente, esta necessidade misteriosa das palavras; e elas adquirem a dimensão dos mistérios revelados quando sentimos sua carnalidade viril. “Crisbal, o Guerreiro” foi antes esculpido do que escrito. Sentimos em cada página o trabalho sobre o material que opõe resistência na plasmagem de um mundo das coisas, e jamais a plasmagem fácil e dúctil do mundo das idéias e das palavras vazias. E a grandeza do teu guerreiro está nesta existência carnal, quase férrea, que lhe dá materialidade. Encontramo-nos diante de um verdadeiro poeta, que negando a facilidade da palavra, procura em sua aspereza a criação de um mundo. (...) Pois é bom ter sempre consciente que não existe senão a justiça, a injustiça foi inventada pelo homem. E aos que

falarem em apaziguamento, responde como Cristo no maravilhoso evangelho de São João: “Não vim trazer a paz, mas atear o fogo da luta”.

Jefferson Barros
Correio do Povo, 31/5/66

(...) A primeira observação que se faz é que o verso diminuiu se tamanho. Está mais denso, menos espalhado. A dicção, contudo, continua a mesma, o que é excelente. As preocupações e os temas que chamaram a atenção de todos para a literatura de PRC, vinte anos depois, embora parcialmente datados, na medida em que a história brasileira persiste enquanto um doloroso e irremediável impasse, não perderam a atualidade. Se em “Crisbal, o Guerreiro”, o tom era de indagação e rebeldia, com um pouco de denúncia quase panfletária, agora encontramos o mesmo rebelde, mas mais aprofundado e abrangente em suas perquirições. A denúncia contínua, menos panfletária mas muito mais irônica, o que demonstra menor envolvimento emocional e maior distanciamento dos fatos. A revolta persiste, mas ampliou-se a perspectiva que valoriza o humano, que descobre a proximidade e a identidade entre os seres e que, sobretudo, reconhece, na poesia e no fazer do poema, uma espécie de redenção-função do poeta em frente a este mundo menor fluído, mais fragmentado como denota o próprio verso, amplamente marcado pela violência, mas nem por isso, absolutamente, desesperançado. O retorno de PRC ao livro é extremamente importante porque amplia, não só em quantidade quanto em qualidade, o número dos artistas do verso que acreditam na arte enquanto identificada com a dor humana. (...)

Antonio Hohlfeldt
Diário do Sul, 2/7/87

(...) Carmo é um criador de palavras duras, ásperas, preocupado com o social, convicto de que o verbo é um ato de guerrilha. “O mal se legitima quando os que padecem não se revoltam”, assegura. A desobediência é fundamental: “Quando tudo se torna insuportável só a desobediência liberta”. Na arte rebela-se: “Pois se o poema / com uma palavra beija / com outra esbofeteia / com uma estocada fere / com outra amanhece, / às vezes mata / às vezes salva / com a direita esfolia / com a esquerda consola / por que

não há de ser o poema capa-e-espada?”. Herético, PRC acredita que os deuses amam a irreverência, pois “os homens desobedientes são feitos do barro que não se deixa amassar”. Pressiona: “O tempo conspira contra os que testemunham calados e não revidam”. Fala, então, poeticamente: “Da disciplina do sanegue / herdei a palavra / as desavenças / da disciplina da alma / habitei o deserto / as ventanias / da disciplina da insolência / sobressaltei os outros / o desprezo / da disciplina da humilhação / aprendi a desconformidade / as estranhezas / da disciplina dos loucos / contive o urro / os desejos / da disciplina dos touros / escarvei o chão / a desmedida”. Fazem-se, pois, poetas éticos, implacáveis, severos com a desigualdade, sem desmerecer a forma. “É na resistência que se ama mais intensamente a vida”, ensina.

Juremir Machado da Silva
Zero Hora, 5/11/1990

Nota Bibliográfica

PAULO ROBERTO DO CARMO, poeta gaúcho, nascido em Porto Alegre, em 1941, formado em Letras, Professor, e um dos mais importantes poetas da nova geração, publicou **Crisbal, o Guerreiro**, Instituto Estadual do Livro-SEC, Porto Alegre, 1966; **Estação de Força**, Editora Movimento e Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, 1987; **Breviário da Insolência**, Massao Ohno Editor, São Paulo, 1990. Participou das antologias **Nossa Geração**, publicação do Diretório Estadual de Estudantes do Rio Grande do Sul, 1966; **Poetas Brasileiros**, vol.1, edição bilíngüe espanhol-português, Sul Americana Editores, 1992; **De Amar e Amor**, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1992; da tradução do livro **Princípios de Crítica Literária** de I. A. Richards, Editora globo, 1967. Publicou dezenas de poemas em suplementos literários de diversos jornais e revistas.

34.6
A dor que não se complica
é dor mais que dor,
e dói mais que tudo.
Ainda sem nome,
ainda sem rosto
e se engole como fogo.

68
Os deuses amam
os que são feitos do barro
que não se deixa amassar.

432
Entre o homem que colhe
e o que semeia
há um homem que trabalha.

140
Agora sabes,
como os revolucionários e os leões,
que estar vivo é desumilhável.

Paulo Roberto do Carmo